



## PELA VALORIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS E INDIVÍDUOS: AS AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO *DESIGN SOCIAL*

Gustavo Cossio\*  
Regina Heidrich

### RESUMO

Este artigo relata as atividades do projeto de extensão continuada *Design Social: valorizando territórios e indivíduos*, da Universidade Feevale. A equipe de professores, bolsistas e voluntários atuou em diferentes contextos sociais, com o emprego de metodologias participativas, no empoderamento de comunidades, por meio da valorização de identidade e cultura, no desenvolvimento de produtos mais acessíveis e sustentáveis e na formação de conhecimento. O desenvolvimento dos projetos atendeu as necessidades de associações de base comunitária e escolas públicas, tendo como fio condutor a metodologia participativa para a articulação entre design e artesanato, com ênfase em sua dimensão didático-pedagógica, no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. Em síntese, constatou-se que as oficinas e projetos promoveram consciência social e ambiental, pois possibilitaram a troca de experiências teóricas e práticas entre os acadêmicos e a comunidade.

**Palavras-chave:** extensão universitária. Design social. Design e educação. Design e artesanato. Metodologia participativa.

### THROUGH TERRITORIES AND INDIVIDUALS VALORIZATION: THE ACTIONS OF THE DESIGN SOCIAL EXTENSION PROJECT

### ABSTRACT

This article reports the activities of continuing extension project Social Design: empowering territories and individuals of Feevale University. A team of professors, scholars and volunteers worked in different social contexts, using participatory methodologies to empower communities through the enhancement of identity and culture in developing more affordable and sustainable products and also, knowledge formation. The project development met the needs of community-based associations and public schools, using the participatory methodology as a guide for the articulation between design and craft (with emphasis on their didactic and pedagogical dimension, in Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brazil). Finally, the workshops and projects promoted social and environmental awareness and practical experiences amongst academics and the community.

**Keywords:** University extension. Social design. Design and education. Design and handicraft. Participatory methodology.

---

\* Mestrado em Design (UFRGS). Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue. Contato: [dsgcossio@gmail.com](mailto:dsgcossio@gmail.com).

## POR LA VALORACIÓN DE TERRITORIOS Y PERSONAS: LAS ACCIONES DEL PROYECTO DE EXTENSION DESIGN SOCIAL

### RESUMEN

En este trabajo se presentan las actividades del proyecto de extensión continua Diseño Social: por la valoración de territorios y de personas, de la Universidad Feevale. El equipo de profesores, investigadores y voluntarios trabajó ha trabajado en diferentes contextos sociales, con el uso de metodologías de participación en la potenciación de las comunidades a través del reconocimiento de la identidad y de la cultura, en el desarrollo de productos más accesibles y sostenibles y en la formación del conocimiento. El desarrollo de los proyectos responde a las necesidades de asociaciones de base comunitaria y escuelas públicas, y presenta la metodología participativa como hilo de la relación entre el diseño y la artesanía con énfasis en su dimensión didáctica y pedagógica en el Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. En resumen, se observó que los talleres y proyectos han promocionado conciencia social y ambiental porque han permitido el intercambio de experiencias teóricas y prácticas entre los académicos y la comunidad.

**Palabras clave:** Extensión universitaria. Diseño social. Diseño y educación. Diseño y artesanía. Metodología participativa.

---

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é relatar as atividades do projeto de extensão *Design Social: valorizando territórios e indivíduos*<sup>1</sup>. Com o emprego de metodologias participativas em projetos sociais, são atendidas as necessidades de escolas públicas e associações de base comunitária da região do Vale dos Sinos. Os projetos são desenvolvidos no âmbito do design gráfico, de produto e de interiores, além de oficinas de artesanato, com foco na inclusão social, sustentável e de valorização territorial.

As principais ações contemplam: investigar as possibilidades de inserção do design em diferentes territórios e contextos sociais; utilizar os conceitos e ferramentas do design na articulação de saberes para geração de conhecimento; empregar métodos participativos como fio condutor da ação extensionista, na qual o designer assume o papel de mediador entre os grupos; estudar e propor alternativas quanto ao uso de materiais e técnicas, visando o desenvolvimento de produtos acessíveis e sustentáveis; oportunizar e fortalecer um ambiente propício ao desenvolvimento criativo e produtivo; e desenvolver ferramentas para divulgação e promoção das entidades envolvidas.

Ainda que vigente no período 2010/II – 2015/II, a delimitação, neste texto, enfatiza a atuação dos anos de 2013 a 2015<sup>2</sup>. Os beneficiados<sup>3</sup> pelas vivências de extensão compreendem grupos de crianças, adolescentes, assistentes sociais e educadores, em duas associações de base comunitária e em duas escolas públicas: Ação Encontro;

---

<sup>1</sup> Vinculou-se ao Bacharelado em Design, ao Tecnólogo em Design de Interiores e à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários - PROACOM da Universidade Feevale, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Para o relato das atividades nos anos iniciais do projeto, ver [Staudt \(2012\)](#). A respeito de atividades em 2012, ver [Cossio, Staudt e Heidrich \(2013\)](#) e em 2013, ver [Cossio e Heidrich \(2014\)](#).

<sup>3</sup> O termo se refere às pessoas da comunidade que interagem com o projeto. Destaca-se que, em via de mão dupla, os acadêmicos também são beneficiados em sua formação, conforme evidenciado neste texto.

Centro Cristão Feminino – CECRIFE; Escola Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho; Escola Estadual de Ensino Fundamental Alvinho Henrique Weber.

A Ação Encontro oportuniza educação, lazer e cultura no contraturno escolar para grupos de crianças e adolescentes de 7 a 15 anos e, portanto, o objetivo foi desenvolver atividades pedagógicas, no sentido de refletir sobre as suas identidades. No CECRIFE, que abriga meninas de 8 a 18 anos, foi realizada uma série de oficinas na relação entre design e artesanato, para a elaboração de objetos de uso pessoal, em busca de valorizar a autoestima de jovens em situação de risco social. Já o projeto realizado junto à EMEI Chapeuzinho Vermelho foi de ambientação de suas salas de aulas a partir de estratégias sustentáveis. As atividades com os alunos da EEEF Alvinho Henrique Weber também seguiram um viés didático, de valorização de autoestima e incentivo ao senso de coletividade, em um módulo de oficinas de estêncil.

## FUNDAMENTOS E MÉTODOS DA AÇÃO EXTENSIONISTA

A fundamentação teórica busca, inicialmente, conceituar a extensão universitária em design social em seus aspectos mais gerais. A seguir, é contextualizado o projeto de extensão em análise, bem como sua abordagem metodológica, que enfatiza processos de colaboração com a comunidade. Após a descrição das atividades realizadas nas associações e escolas parceiras, apresentamos os relatos dos acadêmicos extensionistas sobre a participação no projeto e as repercussões no ensino do design.

### Sobre a extensão universitária em design social

Ao discutirem a importância da responsabilidade social na formação de designers como profissionais mais conscientes, [Moraes, Mello e Silva \(2008\)](#) apontam o papel da universidade na sua contribuição para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Segundo o Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão (FORPROEX), pode-se afirmar que extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico<sup>4</sup>.

Ou seja, as atividades de extensão são aquelas que ultrapassam o âmbito específico de atuação do instituto no ensino (graduação e pós-graduação) e pesquisa. A extensão é uma das funções sociais da universidade, realizada por meio de um conjunto de ações dirigidas à sociedade. Num âmbito geral, sua finalidade é o desenvolvimento do bem-estar físico, espiritual e social, a promoção e a garantia dos valores democráticos de igualdade de direitos e de participação, o respeito à pessoa e à sustentabilidade das intervenções no ambiente<sup>5</sup>.

De acordo com [Margolin e Margolin \(2004\)](#), o design social, diferente dos padrões habituais de projetos desenvolvidos no âmbito do design com foco industrial e mercadológico, visa não só satisfazer as necessidades humanas, mas contribuir para a

<sup>4</sup> Política Nacional de Extensão Universitária. Extraído de <<http://www.cesmac.edu.br/admin/wp-content/uploads/2014/11/Organizacaoistematizacao.pdf>>. Acesso em 27 mai. 2016.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://portal.ifi.unicamp.br/o-que-e-extensao-universitaria>>. Acesso em 27 mai. 2016.

transformação social. Assim, é entendido como uma ferramenta de inovação, capaz de projetar produtos e sistemas de modo criativo e eficaz, adequados não somente do ponto de vista econômico, mas também, social, cultural e ecologicamente responsável.

[Margolin \(2014\)](#) afirma que o design social é uma atividade que articula o capital humano, ao mesmo tempo em que desenvolve produtos e inova processos. Nesse sentido, para [Martins e Silva \(2009\)](#) as pessoas são o recurso mais importante para qualquer organização. As autoras postulam que dar voz aos envolvidos os torna ativos em relação ao futuro da entidade e ao seu próprio futuro. O designer procura resolver o antagonismo existente entre o tempo das comunidades – real – e o tempo do mercado – acelerado. O designer contribui para o bem-estar social ao projetar produtos materiais e imateriais que solucionam problemas humanos.

Esta abordagem é compartilhada por designers que colocam ênfase no papel social de sua atuação profissional. Isto, na prática, seria focar também nos excluídos, nos discriminados, e voltar-se para a base da pirâmide, que constitui maioria da população, além dos idosos e pessoas com deficiência. Com efeito, deixa-se de empregar o design como ferramenta dominante para a sustentação do consumismo e sua bagagem obrigatória de degradação ambiental e desigualdade social ([BONSIEPE, 2011](#); [MARGOLIN, 2014](#)).

Portanto, a extensão universitária em design social se torna uma atividade que oportuniza o desenvolvimento pessoal e local. Ao envolver os estudantes de design, o objetivo principal é fazer com que os alunos reflitam sobre a prática profissional e sua relação com a comunidade. Discutem-se novos modos colaborativos de projetar, que contribuem para o processo de inclusão, por meio da valorização de diferentes grupos e contextos sociais.

### **O projeto de extensão e metodologia participativa: trabalhar *com*, não trabalhar *para***

Além de ouvir, o designer deve compreender, valorizar. Trabalhar com e não trabalhar para. Deve ser um tradutor, mediador, transformador. Deve usar as ferramentas tradicionais do design aliado às metodologias participativas (...) com o objetivo de inserir tais comunidades em um mercado globalizado, favorecendo a ampliação da autoestima, do reconhecimento e a valorização de sua identidade cultural ([MARTINS; SILVA, 2009](#)).

No caso do projeto de extensão *Design Social: valorizando territórios e indivíduos*, as associações de base comunitária e escolas públicas com as quais se constituiu parceria representam os interesses de grupos de áreas periféricas e/ou que estejam em situação vulnerável. O objetivo geral é empregar métodos participativos em diferentes territórios e contextos sociais, para a valorização de identidade e cultura no desenvolvimento de produtos mais acessíveis e sustentáveis, contribuindo na formação do conhecimento por meio da conscientização socioambiental. As ações contemplam o uso de procedimentos científicos e métodos e ferramentas já empregados no design. As atividades extensionistas em análise se articulam com o ensino, pois, além dos bolsistas e voluntários, oportuniza o desenvolvimento de projetos em sala de aula, com o corpo discente das disciplinas de Projeto I – Design Social, do Bacharelado em Design, e Design e Sustentabilidade, do Tecnólogo em Design de Interiores.

Para cada ação, realiza-se o aprofundamento teórico, utilizando de pesquisa bibliográfica sobre questões como design social, design e artesanato, inclusão social, valorização territorial e intervenção participativa através da pesquisa-ação<sup>6</sup>. Segundo [Margolin e Margolin \(2004\)](#), a observação participativa “possibilita o ingresso de designers em ambientes sociais, tanto como parte de um grupo multidisciplinar ou individualmente, para observar e documentar as necessidades sociais que podem ser atendidas com a intervenção do design”. Para tanto, é feita a pesquisa de campo, por meio da observação do local ou grupo analisado, e levantamento de dados através de entrevistas semiestruturadas, visando identificar a problemática e necessidades para possíveis intervenções.

A metodologia empregada considera as fases informativa, criativa e técnica<sup>7</sup>. A fase informativa inicia com um workshop de sensibilização com os acadêmicos e grupo da comunidade envolvido, abordando o tema de projeto e levantamento de dados sociais e culturais, econômicos, históricos, ambientais e tecnológicos, com uso de ferramentas como pesquisa bibliográfica, formulários, registro fotográfico e entrevistas. Na fase criativa são realizadas as oficinas, e os alunos trabalham de forma participativa com o grupo analisado, com o emprego de técnicas de criatividade como *brainstorming* e mapa mental<sup>8</sup> para representação de palavras, ideias e outros conceitos ligados ao tema central, e recursos como desenho, colagens, entre outros. A fase técnica consiste na configuração final do projeto e detalhamento. No caso de projetos gráficos, de produto, e de interiores, são desenvolvidos o protótipo e o memorial descritivo. São reutilizados materiais doados por empresas parceiras ou de uso comum do grupo analisado.

Todas as etapas são supervisionadas e orientadas pelos professores, com o auxílio de bolsistas de extensão e acadêmicos voluntários. Os resultados são obtidos através de análise qualitativa de informações coletadas através de entrevistas, e análise quantitativa de dados obtidos através de questionário e fichas de controle<sup>9</sup>. A figura 1, abaixo, elucida a metodologia a empregada para o desenvolvimento das atividades:

---

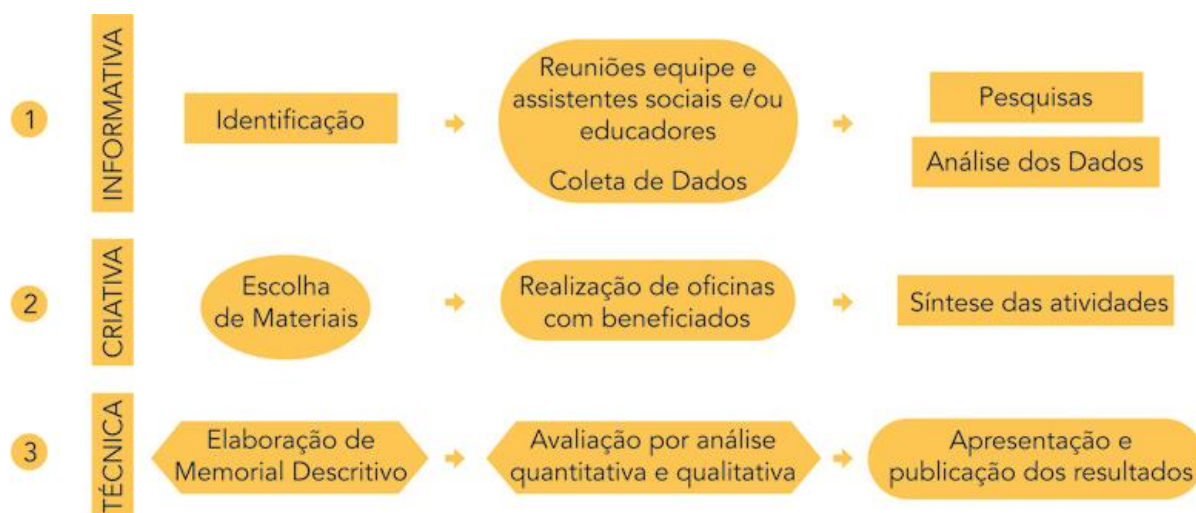
<sup>6</sup> Caracteriza-se pelo fato dos pesquisadores e participantes da situação estarem envolvidos de modo cooperativo e participativo, interagindo na resolução dos problemas e em função do resultado esperado ([PRODANOV; FREITAS, 2009](#)).

<sup>7</sup> A metodologia é adaptada de [Fuentes \(2006\)](#), [De Moraes \(2011\)](#), [Martins e Silva \(2009\)](#), [Peón \(2009\)](#) e [Santos \(2006\)](#). Além destes, buscamos respaldo nas estratégias postuladas por [Shea \(2012\)](#) para design gráfico de base comunitária, e no referencial de [Silva \(2009\)](#) para o projeto de produtos sociais. As oficinas, workshops e projetos em análise incorporam aspectos voltados à valorização territorial, propostos por [Krucken \(2009\)](#), requisitos ambientais de [Manzini e Vezzoli \(2008\)](#), e as possibilidades da relação entre design e artesanato, conforme [Borges \(2011\)](#).

<sup>8</sup> Segundo [Morris \(2010\)](#), o *brainstorming* é uma técnica de criatividade coletiva que tem como objetivo gerar uma grande quantidade de ideias em resposta a um problema, e será empregada na fase de conceito e geração das alternativas. O mapa mental, para [Buzan \(2005\)](#), serve para definir e organizar o pensamento. É um tipo de diagrama usado para representar palavras, ideias, tarefas ou outros itens ligados a um conceito central e dispostos radialmente em volta deste conceito.

<sup>9</sup> O controle é feito por instrumentos de mensuração como diário de classe, registro fotográfico, elaboração de memorial descritivo dos projetos, cópia da documentação do beneficiado, avaliação de impacto, ficha socioeconômica e relatórios anuais.





**Figura 1.** Síntese da metodologia. Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Destaca-se a publicação contínua das atividades em congressos científicos nacionais e internacionais, reportagens veiculadas pela imprensa da região, a organização e promoção de eventos, tais como palestras, oficinas, exibição de documentários seguidos por debates, assim como exposições, além da apresentação das vivências em outras universidades. Dentre os principais indicadores quantitativos de processo estão: número de beneficiados diretos e indiretos; número de atendimentos; número de parcerias (com organizações não governamentais, setor público e privado); publicações, organização e participação em eventos; e envolvimento do corpo discente. Como indicadores qualitativos de resultados, tem-se: benefícios gerados às associações; e melhoria na qualidade dos produtos e processos.

## AS VIVÊNCIAS DO PROJETO *DESIGN SOCIAL*: VALORIZANDO TERRITÓRIOS E INDIVÍDUOS

A seguir, são relatadas as principais atividades extensionistas desenvolvidas pelo projeto, com jovens em situação de vulnerabilidade social de Novo Hamburgo - RS, entre 2013 e 2015, conforme o quadro 1:

**Quadro 1.** Parcerias e ações.

<i>Parceria</i>	<i>Atuação</i>	<i>Ação</i>	<i>Período</i>
Ação Encontro	Educação e cultura	Projeto de identidade visual; Oficinas de serigrafia;	2013/I
CECRIFE	Lar de meninas	Oficinas de produtos artesanais	2013/II, 2014/I e II
EMEI Chapeuzinho Vermelho	Ensino público infantil	Ambientação das salas de aula	2014/I
EEEF Alvino Henrique Weber	Ensino público fundamental	Oficinas de estêncil	2015/I

Fonte: Elaborado pelos atores (2016).

## Reflexão sobre a identidade de grupos de adolescentes da Ação Encontro

A Associação Beneficente Evangélica da Floresta Imperial - ABEFI é uma organização do terceiro setor, iniciativa da comunidade luterana da região do Vale dos Sinos, que se dedica em melhorar a qualidade de vida de crianças, adolescentes e adultos, oferecendo oportunidades de traçarem as suas escolhas e trilharem uma vida digna. Atende diariamente até mil crianças e adolescentes, em suas unidades: Ação Encontro, Escola de Educação Infantil da Paz, Lar Padilha, Acolhimento República, Colégio Sinodal da Paz e Abrigo João e Maria<sup>10</sup>.

Especificamente, o projeto de extensão trabalhou com a unidade Ação Encontro, situada no bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo, que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes. No contraturno escolar, oportuniza educação, cultura, e formação para o mercado de trabalho, e contribui para que cerca de 200 jovens se tornem protagonistas da sua própria história. O vínculo com o projeto de extensão iniciou em 2012/II, com a campanha intitulada 'Anjos da ABEFI'<sup>11</sup>.

Em 2013/I, tendo em vista contribuir com a valorização da autoestima dos adolescentes a partir da reflexão sobre suas identidades, foi realizado um módulo de quatro oficinas com cada turma<sup>12</sup>. No primeiro encontro, refletiu-se sobre os interesses e gostos do grupo, por meio de bate-papo e, também, recorte e colagem de imagens e palavras para a montagem de painel conceitual (*moodboard*), a partir de valores elencados no debate, tais como 'natureza' e 'amizade'. Então, foi feito um desenho da turma, no qual cada integrante deveria traçar no máximo três linhas, interagindo com o traçado dos colegas e despertando o senso de coletividade dos jovens.

A segunda oficina tratou sobre teoria da cor, com ênfase no Disco de Newton, e em conceitos como cores análogas, complementares, pregnância visual e contraste. Além disso, foram analisadas as imagens de pinturas de artistas expoentes do Vale dos Sinos<sup>13</sup>. Na terceira oficina, cada aluno realizou um desenho representando os valores e identidades discutidos nos encontros anteriores. Praticou-se ainda um exercício de *naming* - criação de nome, para o grupo. Por votação, escolheu-se em conjunto o símbolo e nome que transmitiam a identidade da turma.



**Figura 2.** Desenho da turma, oficina sobre cores e *layout* final para serigrafia. Fonte: Banco de imagens dos autores (2013).

<sup>10</sup> Disponível em <<http://www.abefi.org.br>>. Acesso em 20 de mai. de 2016.

<sup>11</sup> Campanha de doações para a entidade, por meio de peças gráficas e instalações temporárias construídas de modo colaborativo, e instaladas em diferentes pontos do município de Novo Hamburgo (COSSIO; STAUDT; HEIDRICH, 2013).

<sup>12</sup> Atividade desenvolvida com o apoio da acadêmica voluntária Michele Barth.

<sup>13</sup> Especialmente, tratou-se das obras de Anelise Bredow, Ariadne Decker, Flávio Scholles, Mai Bavoso e Milton Schaeffer, com destaque para o uso da cor em suas pinturas.

Essa síntese consolidou-se no quarto e último encontro, em uma oficina de serigrafia em camisetas, na qual cada integrante pôde compreender o processo e aplicar a identidade visual da turma em sua peça. Para a realização desta atividade, o projeto recebeu apoio da diretora e de um educador da Ação Encontro, além de parceiros da associação na doação das camisetas, e também de uma voluntária da comunidade para a operacionalização da serigrafia, conforme a figura 3.



Figura 3. Oficina de serigrafia e resultado. Fonte: Banco de imagens dos autores (2013).

Este trabalho foi noticiado pelo Jornal NH<sup>14</sup>, contando com o depoimento da diretora, que avaliou positivamente a parceria com o projeto de extensão<sup>15</sup>. As oficinas oportunizaram novas práticas e conhecimentos a duas turmas de 20 adolescentes cada, porque a mediação dos designers os fez refletir sobre valores como meio ambiente e amizade e, assim, fortalecer suas identidades.

Por fim, constata-se que, além do desenvolvimento de projetos, a ação extensionista em design pode estimular novos valores em um viés didático-pedagógico. Ressalta-se que as crianças, adolescentes e educadores da Ação Encontro se mostraram entusiasmados e participativos, e as oficinas estavam de acordo com a proposta da entidade, de oferecer educação, cultura e lazer para crianças e adolescentes em situação de risco social.

### Desenvolvimento de produtos artesanais com as meninas do CECRIFE

O CECRIFE está localizado em Novo Hamburgo, é mantido pela prefeitura e pela Associação Evangélica de Ação Social – AEVAS, e tem como objetivo oferecer qualidade de vida a crianças e adolescentes em situação de risco social, pessoal, violência doméstica, negligência, além de outros fatores que antecedem a assistência. Assim, atende cerca de 20 crianças e adolescentes do sexo feminino, com idade de 8 a 18 anos<sup>16</sup>. Em reunião com a diretoria e assistência social da entidade, foram identificados diferentes problemas e necessidades tanto em relação à estrutura, como visibilidade da entidade, e possibilidades para o desenvolvimento de aptidões com as meninas durante o

<sup>14</sup> Jornal NH. "Abefi e Feevale em parceria solidária" 26 de jun. de 2013.

<sup>15</sup> "Alegria na criação de camisetas". Disponível em <<http://www.abefi.org.br/noticia/alegria-dos-adolescentes-na-criacao-de-camisetas>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

<sup>16</sup> Extraído de <<http://www.aevas.org.br>>. Acesso em 20 de maio de 2016.



tempo ocioso na casa. Foram propostas oficinas de reutilização e reciclagem de materiais aplicados ao desenvolvimento de novos produtos com enfoque artesanal, além de uma proposta de manutenção e decoração do ambiente. A atuação da equipe no CECRIFE teve por objetivo desenvolver as habilidades manuais das meninas, por meio de atividades didáticas, que levaram em conta os seus interesses para o desenvolvimento de produtos artesanais para o próprio uso<sup>17</sup>.

A ideia do porta-objetos surgiu a partir de visitas, quando se observou que as necessidades das moradoras iam além de suprimentos e questões de saúde. Para as oficinas, optou-se pelo melhor aproveitamento da folha de papel cartão, e foi revestido com a técnica de papel machê. Pelo fato de ser simples, ter baixo custo e sem restrição, poderia ser decorada conforme a preferência de cada uma, com ou sem ajuda dos assistentes, e teve a função de resgatar a individualidade. Além disso, possibilitou-se que fosse anexada junto da tampa uma foto pessoal, produzida pela equipe do projeto de extensão, ou de familiares, pessoas próximas, paisagens ou animais. O resultado da atividade no CECRIFE pode ser verificado na figura 4:



**Figura 4.** Oficina de porta-objetos customizáveis e resultados. Fonte: Banco de imagens dos autores (2014).

Desenvolveu-se um modelo de porta-retratos, confeccionado a partir de materiais reutilizados, como revistas e papelão. Foram tiradas algumas fotografias de cada uma das meninas, para compor o objeto criado e também para a própria valorização das jovens. As fotografias foram reveladas e doadas às adolescentes. Com a aproximação do final do ano de 2013, o grupo manifestou interesse em aprender a técnica de criação de mini presépio na garrafa, iluminado com sucata eletrônica. As matérias primas principais do projeto foram jornais, revistas e garrafas de politereftalato de etileno - PET. Esse material é um polímero termoplástico que pode permanecer na natureza por até 800 anos. Assim, ressalta-se que o artesanato com reaproveitamento destes materiais contribui para a conscientização sobre a importância da separação do lixo e reciclagem. A partir de retalhos de tecidos e aviamentos, papel cartão de embalagens e materiais naturais, surgiram delicados presépios em garrafas PET 3 litros, cortadas e montadas em formato próximo ao de uma esfera e iluminados com lâmpadas *LEDs*. Os materiais foram previamente separados pela entidade para a produção na oficina, que iniciou pelo corte das garrafas PET, que foram reutilizadas e decoradas. Todas as jovens mostraram-se animadas com a realização das atividades. Em uma das visitas, as assistentes sociais foram orientadas pelas voluntárias e professores a realizar a etapa da iluminação com reutilização da sucata eletrônica. Conforme a vontade das meninas, os mini presépios foram doados como presentes para familiares ou como decoração natalina do abrigo.

<sup>17</sup> Oficinas desenvolvidas com o apoio de Claudia Kellermann, Mariana Schmidt e Simone Santos, acadêmicas voluntárias do Curso de Design.



**Figura 5.** Oficina de porta-retratos e mini presépio. Fonte: Banco de imagens dos autores.

Em outro módulo de oficinas, as meninas foram convidadas a aprender técnicas de modelagem, papel machê, e pintura. O produto final foi uma boneca com corpo de garrafa PET e com cabeça e braços de papel. Com as técnicas empregadas um novo produto foi criado, a partir de um material considerado sucata.



**Figura 6.** Oficina de produtos artesanais decorativos e resultado. Acadêmicas voluntárias e professora com o resultado, à direita. Fonte: Banco de imagens dos autores (2014).

Assim, garantiu-se um produto sustentável e economicamente viável no contexto de uma organização não governamental para o abrigo de meninas em situação vulnerável. Os encontros foram divididos em etapas de aprendizagem de modelagem em papel, acabamento de modelagem, pintura, acabamento de pintura e impermeabilização. Na proposta de oficina criativa, as meninas tiveram a oportunidade de desenvolver suas bonecas com características e cores de sua própria inspiração, personalizando seu trabalho. Como resultado, houve um fortalecimento do aprendizado e satisfação com o produto final.

Percebeu-se que a elaboração de produtos artesanais gerou um ambiente de inclusão social, no qual os abrigados, assistentes sociais, professores e discentes interagiram e trocaram experiências. Para professores e acadêmicos foi muito gratificante auxiliar na produção, porque foi possível perceber o quão importante cada etapa de construção representava para cada participante. Compreende-se que as oficinas significaram acolhimento, alegria e bem-estar. A partir do resultado das atividades e da abordagem participativa para a reflexão sobre a identidade dos grupos, conjugada com o desenvolvimento de produtos e o reaproveitamento de materiais, foi possível valorizar a autoestima de adolescentes em situação vulnerável. Além disso, espera-se ter contribuído para a promoção da consciência ambiental e o senso de coletividade das abrigadas.

### **Design de Interiores para a Sustentabilidade: ambientação das salas de aula da EMEI Chapeuzinho Vermelho**

A vivência de ensino e extensão na turma de Design e Sustentabilidade, 2014/I, do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores, ocorreu por meio de uma articulação entre o Laboratório de Design de Interiores<sup>18</sup> e o projeto de extensão *Design Social: valorizando territórios e indivíduos*. Em parceria com a Escola Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho, buscou-se estabelecer uma relação colaborativa para a ambientação de suas salas de aula, levando em conta o aproveitamento de resíduos gerados pela empresa Jomo<sup>19</sup>, todas localizadas na cidade de Novo Hamburgo – RS, Brasil.

Os acadêmicos foram divididos em pequenos grupos, de dois ou três integrantes, com o objetivo de desenvolver um projeto para uma das salas da escola, atendendo o total de seis espaços, seis professoras e até 120 crianças entre 2 e 5 anos (média de 20 alunos por sala). O projeto foi realizado após estudos sobre o referencial teórico em design de interiores para a sustentabilidade, especialmente com base em [Moxon \(2012\)](#) e [Zmyslowski \(2009\)](#). A etapa informativa correspondeu à visita ao local de intervenção para contato com os usuários, análise e medição do ambiente e levantamento das necessidades e visita à empresa fornecedora de materiais para o projeto. Destaca-se o emprego da metodologia participativa e a imersão *in loco*, pois os alunos visitaram a EMEI Chapeuzinho Vermelho e fizeram o levantamento das condições dos espaços e elaboração do programa de necessidades de cada sala, individualmente. Em seguida, o grupo visitou a empresa Jomo para identificar os resíduos gerados disponíveis para doação. Os dados levantados são apresentados no quadro 2:

---

<sup>18</sup> Coordenado pela professora Adriana Silva.

<sup>19</sup> Fabricante de embalagens, que fornece material para reutilização. Caracterizam-se em sua maioria como sobras de EVA (mistura de alta tecnologia de etivinil e acetato) em diversos formatos e tamanhos, além de *pallets*.



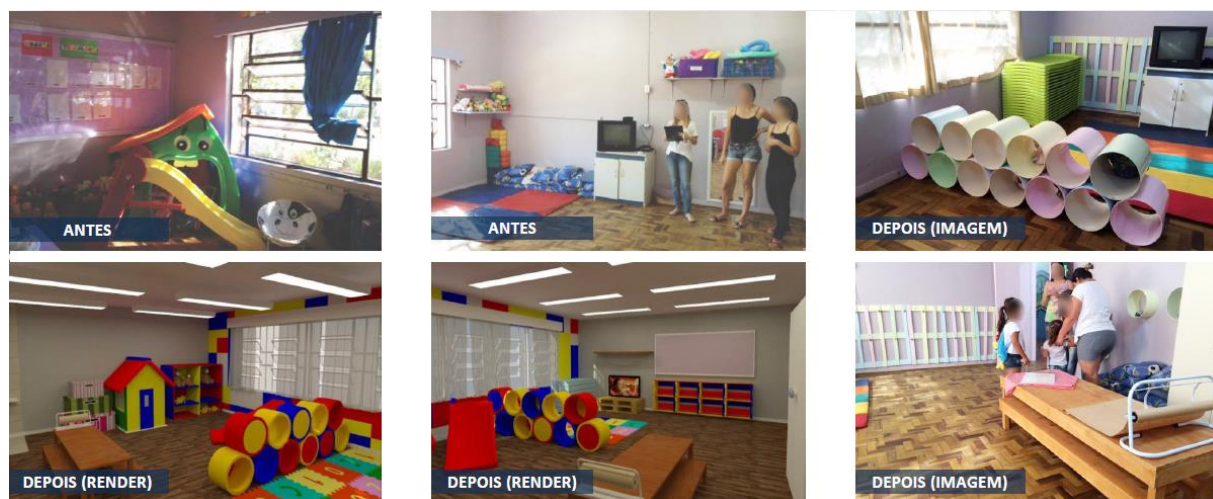
**Quadro 2.** Identificação dos espaços e programa de necessidades.

Sala	Área (m <sup>2</sup> )	Nº de alunos	Idade dos alunos	Número de discentes autores dos projetos	Programa de Necessidades
1	36,05m <sup>2</sup>	15	3 anos	3	Painel de recados na entrada, prateleiras para brinquedos e objetos diversos, espaço para guardar travesseiros, nichos para mochilas.
2	39,86m <sup>2</sup>	15	3 anos	2	Mesa para TV, prateleiras e caixas para brinquedos, espaço para colocar chinelos, espaço para desenhar, camarim com espelho.
3	40,95m <sup>2</sup>	16	2 anos	3	Prateleiras e organizadores para brinquedos, espaço para livros e revistas, bancada para desenhar, nichos para mochilas, baús para guardar material e brinquedos.
4	41,72m <sup>2</sup>	20	4 anos	2	Baú para brinquedos, móvel para TV, nichos para mochilas, mesa para desenho, casinha para brincar e espaço para leitura.
5	42,06m <sup>2</sup>	20	5 anos	3	Espaço e prateleiras para brinquedos e itens diversos, nichos para mochilas.
6	41,55m <sup>2</sup>	25	5 anos	3	Espaço para brinquedos, nichos para mochilas, mesa para TV, prateleiras para expor brinquedos, palco.

Fonte: Elaborado pelos autores (2014).

Na etapa criativa se fez a busca de referências e o desenvolvimento de propostas do projeto. Os grupos analisaram os espaços visitados e iniciou-se a estruturação da metodologia de trabalho, a busca por referências de projeto e a especificação de materiais. Na etapa técnica, foi feito o detalhamento do projeto, com elaboração de imagens ilustrativas e desenhos técnicos para a execução, além da elaboração do orçamento. A acessibilidade universal foi um item que norteou todos os projetos desenvolvidos. Os alunos buscaram respaldo na NBR 9050, que estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados no projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos de acordo com as condições de acessibilidade.





**Figura 8.** Sala 3: situação anterior (acima, à esquerda e ao centro), render (abaixo, à esquerda e ao centro) e resultado (à direita, acima e abaixo). Fonte: Banco de imagens dos autores. Desenvolvido pela acadêmica Francielly Alves (2014).

Os projetos buscaram mais do que atender questões sociais e ambientais, pois a intenção era o envolvimento dos usuários com o espaço, considerando a relação física e também os aspectos social e emocional. Assim, espera-se que na medida em que os alunos da escola se apropriarão do ambiente, o entenderão como uma continuidade de seus lares, onde se sentirão acolhidos, educados e protegidos. Além de favorecer o aprendizado, será um local de diversão e convívio com colegas e professores.

Ressalta-se a importância do projeto para as professoras. Por vezes, o trabalho docente enfrenta situações de estresse, com baixa remuneração em turnos com grupos de vinte crianças. Espera-se que os projetos facilitem as atividades pedagógicas e contribuam para o bem-estar das professoras, o que se relaciona com a autoestima das educadoras, e influencia na formação dos educandos.

O grande desafio foi desenvolver os projetos em curto espaço de tempo, no período de março a junho de 2014, que atendessem as necessidades dos alunos e professores da escola, com preceitos sustentáveis e com o aproveitamento de resíduos na criação de novos produtos e mobiliários para os espaços. Entretanto, o grupo de alunos conseguiu responder ao desafio e às expectativas dos futuros usuários:

Os projetos possibilitaram aos professores enxergar as salas de aulas de maneiras diferentes e perceber que as mudanças desejadas poderiam ser feitas com materiais alternativos. Todos os projetos surpreenderam e empolgaram. Foi possível perceber a dedicação com que foram feitos e pensados e como as demandas solicitadas pelas professoras foram atendidas, superando, em alguns casos, as expectativas que tínhamos, pois as acadêmicas trouxeram ideias diferentes e, ao mesmo tempo, simples, funcionais e executáveis, que é o mais importante, pois é sabida a dificuldade em arrecadar fundos para a viabilização dessas reformas. Além disso, as acadêmicas tiveram a preocupação em deixar os ambientes lúdicos, coloridos e seguros, pensando no que ficaria melhor para os alunos das faixas etárias atendidas na escola. – Fernanda Schneid, 2014. Professora da EMEI Chapeuzinho Vermelho.

O engajamento da comunidade escolar foi imprescindível para a efetivação do projeto, entre julho e novembro do mesmo ano, conforme reportagem da TV Feevale<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> “Revitalização salas EMEI Chapeuzinho Vermelho”. TV Feevale Notícias, 2 de dez. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=25sy5wfOkKc>> Acesso em 20 de maio de 2016.

Os pais dos alunos foram chamados à escola para conhecerem os projetos, e foram incentivados a colaborar com trabalho voluntário durante as reformas, além de conseguirem doações de materiais. Acrescenta-se que a escola preparou uma rifa para que todas as famílias ajudassem a arrecadar fundos. Com esse exemplo, ao integrar alunos, pais e professores na qualificação da escola pública, verifica-se que o design de interiores para a sustentabilidade não atua somente na conscientização ambiental dos indivíduos e usuários, mas como uma oportunidade de gerar novos vínculos e valores sociais (SILVA; COSSIO, 2015).

### As oficinas de estêncil com os estudantes da EEEF Alvino Henrique Weber

As ações desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Alvino Henrique Weber, situada no bairro Roselândia em Novo Hamburgo-RS, em 2015/1, partiram da identificação e do atendimento às suas demandas através da abordagem participativa do design. A principal base referencial utilizada foi a metodologia de [Margolin e Margolin \(2004\)](#), que prevê a inserção do designer no ambiente, a fim de observar e documentar as necessidades sociais a serem atendidas, e também o desenvolvimento do projeto de forma colaborativa com o sistema-cliente, permitindo uma visão holística, de modo a contribuir para a elaboração do programa de necessidades, criação e implementação.

Primeiro, houve uma visita à instituição, e percebeu-se a carência socioeconômica na comunidade. Em meio a esse contexto, observou-se que o principal objeto de interesse dos alunos era a combinação entre as possibilidades oferecidas pelas mídias digitais com o desenvolvimento de técnicas manuais. Posteriormente, a equipe extensionista<sup>21</sup> reuniu-se para a etapa de *brainstorming*, quando foram propostas diferentes ideias para a construção da atividade, buscando alternativas que despertassem o interesse dos alunos, visando estimular autoestima, expressão, e promover valores de senso de coletividade e pertencimento. A solução escolhida e aprovada em conjunto com o professor da matéria de Educação Artística e a coordenadora da escola, para atuação junto a uma turma de 25 alunos do 7º ano, foram as oficinas de desenvolvimento de retratos pictóricos, em específico autorretratos, provenientes da combinação de técnicas de fotografia digital e estêncil, como pode ser visto na figura 9:



**Figura 9.** Oficinas de estêncil na escola. À direita, bolsista e professora orientam aluno. Fonte: Banco de imagens dos autores (2015).

---

<sup>21</sup> Professores, bolsista de extensão Rafael Carlos e acadêmicos voluntários Marcos Vinícius dos Santos e Simone Santos, todos do Bacharelado em Design.

A implementação do projeto se deu inicialmente através de uma oficina de história da arte e fotografia, onde se aliou a teoria com a prática e se estimulou o grupo a fotografar seus colegas. A partir das fotografias digitais foram produzidos moldes vazados, através da técnica de estêncil, dando origem a forma dos retratos pictóricos. Ao final, os retratos foram grafitados em diversos suportes, em papel sulfite A3 e até mesmo em paredes da escola.



**Figura 10.** Aplicação e resultado do estêncil. Fonte: Banco de imagens dos autores (2015).

Os resultados, divulgados em reportagem da TV Feevale<sup>22</sup>, apontaram que as atividades despertaram empenho, empolgação e interesse do grupo de alunos e professores, além da exploração de novos conhecimentos. Entendeu-se ainda, que ao gerar atividades a partir da metodologia participativa do design em conjunto com a escola, abriu-se a possibilidades de aprendizagens e interesses para a transformação da realidade social.

## RELATOS DOS ACADÊMICOS EXTENSIONISTAS

Na prática oportunizada pelas ações de extensão, os acadêmicos bolsistas e voluntários puderam desenvolver projetos para clientes reais e, usualmente, não contemplados pela atividade profissional. Ressalta-se a reflexão gerada pelos discentes sobre a relação do designer com a sociedade, conforme os depoimentos abaixo:

*Imediatamente me identifiquei com o projeto, tem tudo a ver com minha filosofia de vida: dividir conhecimento, valorizar territórios e indivíduos, é a síntese da busca do saber, da felicidade. Só somos completos quando somos capazes de transpor nossa individualidade na direção da coletividade. Atuei como voluntária no projeto, o que pra mim não é novidade, pois sustentabilidade, arte, igualdade e fraternidade fazem parte da minha vida, é o que me completa.* – Cláudia Kellermann, 2013. Acadêmica voluntária do projeto de extensão.

A aproximação dos alunos com a proposta do design social os fez conhecer o valor do trabalho artesanal e da abordagem colaborativa. Essa concepção se reflete no depoimento da acadêmica participante das oficinas na Ação Encontro e no CECRIFE:

<sup>22</sup> “Design Social”. TV Feevale Notícias, 1 de jul. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8jCFYcGxTAs>>. Acesso em 20 de mai. 2016.

*É muito gratificante ajudar as pessoas fazendo o que gostamos e desta maneira podendo melhorar o dia de alguém. Design não é somente indústria: quando projetamos, fazemos isso para as pessoas, e ter noção disso na prática é muito esclarecedor. Assim como na disciplina de Projeto I - Design Social, ter participado das atividades no projeto de extensão Design Social: valorizando territórios e indivíduos, me ofereceu questões que me desenvolveram pessoalmente e que eu não imaginava e não as pensava. Essa aproximação com as pessoas e o meio em que elas vivem, na fase de projeto, passa a ser fundamental quando compreendemos melhor a importância do design social.*

- Mariana Schmidt, 2014. Acadêmica voluntária do projeto de extensão.

Ainda sobre a indissociabilidade entre ensino e extensão, o acadêmico participante das oficinas de design e artesanato destaca a relação entre o aprendizado em sala de aula e as demandas da comunidade:

*No projeto de extensão pude colocar em prática o que foi ensinado na disciplina de Projeto I - Design Social e, além disso, pude perceber que embora a disciplina introduzisse a teoria alinhada com a prática, somente participando da extensão é que você percebe a essência do design social. As oficinas que participei, não somente mostraram novos horizontes, no que se refere ao reaproveitamento de materiais, como mostraram o verdadeiro caráter do design social, que nada mais é do que passar o conhecimento adiante e causar mudanças na vida das pessoas. – Diego Mergener, 2013. Acadêmico voluntário do projeto de extensão.*

Em outras palavras, ao promover a consciência sobre a responsabilidade social em design junto aos discentes, na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o desenvolvimento pessoal e local ocorre em via de mão dupla: para acadêmicos e comunidade. Desse modo, o objetivo do designer vai além de equacionar forma e função, pois diz respeito à maneira como se pode trabalhar *com* e não somente *para*, conforme postularam [Martins e Silva \(2009\)](#).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos o relato das atividades mais destacadas do projeto de extensão *Design Social: valorizando territórios e indivíduos*, sintetizamos no quadro 3 os resultados dos principais indicadores de impacto:

**Quadro 3.** Resultados quantitativos.

<i>Indicador</i>	<i>Meta Anual</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>	<i>2015</i>	<i>Total</i>
Beneficiados diretos	60	205	274	116	595
Beneficiados indiretos	84	287	384	162	833
Atendimentos	40	47	17	27	91
Acadêmicos bolsistas e voluntários	4	6	3	4	13
Acadêmicos articulados com disciplinas	20	48	36	6	90

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de sistema interno de controle (2016).



Vale ressaltar que o objetivo geral do projeto de extensão foi cumprido, pois empregamos métodos participativos em diferentes territórios e contextos sociais, nas oficinas e nos projetos que valorizaram identidade e cultura no desenvolvimento de produtos mais acessíveis e sustentáveis. Conforme os depoimentos dos participantes, observa-se que as atividades contribuíram na formação do conhecimento por meio da conscientização socioambiental.

Com a abordagem do design social em sala de aula e em parceria com associações de base comunitária e escolas públicas, passa-se a promover a reflexão sobre o papel do designer na pós-modernidade. Design não é luxo, *décor* ou *styling*. Numa cultura de consumo supervalorizada, em que tudo é passageiro, o uso da tecnologia é indiscriminado, e em que se vive uma crise econômica, tornam-se relevantes os debates e as iniciativas para o desenvolvimento de comunidades em situação vulnerável. Assim, os envolvidos passam a ter uma visão de alteridade, no sentido que todo o homem social interage e interdepende do outro. De acordo com as vivências relatadas, há inúmeras possibilidades para ações em design social com crianças, adolescentes, assistentes sociais e educadores, para o resgate dos vínculos com a comunidade, na promoção de um contexto mais solidário e sustentável. Embora com estudos e práticas ainda incipientes, a extensão universitária torna-se estratégia fundamental na formação em design.

SUBMETIDO EM 27 maio 2016

ACEITO EM 6 mar. 2017

---

## REFERÊNCIAS

[BONSIEPE, G.](#) **Design, cultura e sociedade.** São Paulo: Blucher, 2011.

[BORGES, A.](#) **Design + Artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

[BUZAN, T.](#) **Mapas mentais e sua elaboração.** São Paulo: Cultrix, 2005.

[COSSIO, G.; HEIDRICH, R.](#) A autoestima da comunidade valorizada pela extensão universitária em design social. In: COLÓQUIO DE EXTENSÃO E X SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO UNIRITTER, 6., 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Uniritter, 2014.

[COSSIO, G.; STAUDT, D.; HEIDRICH, R.](#) Pela valorização de territórios e indivíduos: três vivências de extensão universitária em design social. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESIGN SUSTENTÁVEL – SBDS, 4., 2013. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; Unisinos; Uniritter, 2013.

[DE MORAES, D.](#) **Metaprojeto: o design do design.** São Paulo: Blucher, 2010.

[FUENTES, R.](#) **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa.** São Paulo: Rosari, 2006.

[KRUCKEN, L.](#) **Design e território: valorização de identidades e produtos locais.** São Paulo: Studio Nobel, 2009.

[MANZINI, E.; VEZZOLI, C.](#) **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais.** São Paulo: Edusp, 2008.

[MARGOLIN, V.; MARGOLIN, S.](#) Um “modelo social” de design: questões de prática e pesquisa. **Revista Design em Foco**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 43-48, jul. /dez., 2004.

[MARGOLIN, V.](#) **A política do artificial: ensaios e estudos sobre design.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

[MARTINS, F.; SILVA, S. I.](#) Identidade & sustentabilidade: a abordagem participativa em design como ferramenta de reflexão sobre a Identidade de associações de base comunitária. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESIGN SUSTENTÁVEL – SBDS, 2., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UAM, 2009.

[MORAES, M. F. V.; MELLO, I. F. L.; SILVA, E. G. P.](#) A importância da responsabilidade social universitária na formação de designers como profissionais mais conscientes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA & DESENVOLVIMENTO EM DESIGN - P&D DESIGN, 8., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SENAC/AEnD-BR, 2008.

[MORRIS, R.](#) **Fundamentos de design de produto.** Porto Alegre: Bookman, 2010.

[MOXON, S.](#) **Sustentabilidade no design de interiores.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2012.

[PEÓN, M.](#) **Sistemas de identidade visual.** Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

[PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C.](#) **Metodologia do trabalho científico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

[SANTOS, F. A. N. V.](#) Método aberto de projeto para uso no ensino de design industrial. **Revista Design em Foco**, Salvador, v. 3, n.1, p. 33-49, jan./jun., 2006.

[SHEA, A.](#) **Designing for social change: strategies for community-based graphic design.** New York: Princeton Architectural Press, 2012.

[SILVA, A.; COSSIO, G.](#) Design de Interiores para a Sustentabilidade: uma vivência de ensino e extensão universitária na ambientação das salas de aula da EMEI Chapeuzinho Vermelho. In: LATIN AMERICAN AND EUROPEAN CONFERENCE ON SUSTAINABLE BUILDINGS AND COMMUNITIES EURO-ELECS, 1., 2015, Guimarães. **Anais...** Guimarães: Universidade do Minho, 2015.

[SILVA, D. E. N.](#) **Projetando produtos sociais.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

[STAUDT, D.](#) Projeto Design Social: valorização de produtos artesanais com enfoque no

turismo local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN – P&D DESIGN, 10., 2012, São Luis. **Anais...** São Luis: EDUFMA, 2012.

[ZMYSLOWSKI, E.](#) Sustentabilidade no design de interiores. In: Anais do II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESIGN SUSTENTÁVEL – SBDS, 2., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UAM, 2009.